



ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DAS EXPECTATIVAS INICIAIS (IDEALIZAÇÃO) À REALIDADE ESCOLAR (CAOS E UTOPIA)

Lisandra Oliveira Silva*
Alvaro Rogério Costa Alves**

RESUMO

O presente artigo objetiva narrar às experiências vividas nos três Estágios de Docência (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Rio Grande do Sul. A narrativa reflexiva está estruturada em quatro momentos centrais: Ideal, Real, Caos e Utopia. Metodologicamente, trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva-interpretativa, a partir de uma narrativa autobiográfica. Apontamos as principais conclusões: a) no Curso de Formação Inicial em Educação Física, os acadêmicos idealizam seus Projetos de Trabalho e, ao chegarem à escola, para o exercício docente, são impactados com a realidade escolar; b) diante deste choque, o estagiário/docente elabora práticas pedagógicas e estratégias de ensino que contribuem no processo de ensino e aprendizagem da Educação Física escolar; c) a importância do ensinar e aprender com práticas pedagógicas significativas.

Palavras-chave: Educação Física. Estágio de Docência. Prática Pedagógica. Formação Inicial em Educação Física

TEACHING STAGES OF THE LICENSEE COURSE IN PHYSICAL EDUCATION: FROM INITIAL EXPECTATIONS (IDEALIZATION) TO SCHOOL REALITY (CHAOS AND UTOPIA)

ABSTRACT

The present article aims to describe the experiences of the three stages of teaching (Early Childhood, Elementary and Secondary Education) of the Degree in Physical Education of the Federal University of Rio Grande do Sul. The reflective narrative is structured in four central moments: Ideal, Real, Chaos and Utopia. Methodologically, it deals with a qualitative research, of a descriptive-interpretative nature, based on an autobiographical narrative. We point out the main conclusions: a) in the Initial Formation Course in Physical Education, the academics idealize their Work Projects and, when they arrive at school, for the teaching exercise, they are impacted with the school reality; b) in the face of this shock, the trainee / teacher elaborates pedagogical practices and teaching strategies that contribute to the teaching and learning process of the physical education school; c) the importance of teaching and learning through meaningful pedagogical practices.

Keywords: Physical Education. Teaching Internship. Pedagogical Practice. Initial Formation in Physical Education.

* Docente do Departamento de Educação Física da ESEF/UFRGS lisgba@yahoo.com.br

** Licenciado em Educação Física/UFRGS Estudante do Curso de Bacharelado em Educação Física/UFRGS. costarogério77@gmail.com

ESTANCIAS DE DOCENCIA DEL CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DE LAS EXPECTATIVAS INICIALES (IDEALIZACIÓN) A LA REALIDAD ESCOLAR (CAOS Y UTOPIA)

RESUMEN

El presente artículo objetiva narrar a las experiencias vividas en las tres Etapas de Docencia (Educación Infantil, Enseñanza Fundamental y Enseñanza Media) del Curso de Licenciatura en Educación Física de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. La narrativa reflexiva está estructurada en cuatro momentos centrales : Ideal, Real, Caos y Utopía. Metodológicamente, trata de una investigación de abordaje cualitativo, de naturaleza descriptiva-interpretativa, a partir de una narrativa autobiográfica. En el curso de Formación Inicial en Educación Física, los académicos idealizan sus Proyectos de Trabajo y, al llegar a la escuela, para el ejercicio docente, son impactados con la realidad escolar; b) ante este choque, el aprendiz/docente elabora prácticas pedagógicas y estrategias de enseñanza que contribuyen en el proceso de enseñanza y aprendizaje de la Educación Física escuela; c) la importancia de enseñar y aprender con prácticas pedagógicas significativas.

Palabras clave: Educación Física. Etapa de Docencia. Práctica pedagógica. Formación Inicial en Educación Física.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de uma pesquisa realizada em 2017, que aborda uma narrativa reflexiva sobre os três Estágios de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, todos realizados em escolas públicas da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul, no segundo semestre de 2014 e primeiro e segundo semestre de 2015, respectivamente.

A pesquisa foi estruturada em quatro elementos centrais, que nortearam a trajetória no Estágio nessas três Instituições de ensino, que nominamos: **Ideal, Real, Caos e Utopia**.

Entendemos o **Ideal**, o período pré-escolar, ou seja, a fase anterior ao ingresso na escola que o Estágio é realizado, o momento das elaborações dos Planos de Ensino, Planos de Aula, conhecimento da turma, da escola, das elucubrações, conjecturas, divagações e idealizações. Compreendemos o **Real** como a chegada à escola e os primeiros impactos de realidade, o início da Docência propriamente dita, o ser professor, proativo, diante da turma, exercendo a prática. O **Caos** trata-se da fase crítica do exercício docente, o momento nevrálgico, limítrofe das propostas até então elaboradas. E a **Utopia**, significando a invenção ou, até mesmo, a reinvenção de novas estratégias de ensino, visando concluir os processos de ensino e aprendizagens nos Estágios de Docência.

Vivenciamos, durante a realização dos três Estágios, uma expectativa inicial sobre o que iríamos fazer, gerenciar, atuar, intervir e ensinar no cotidiano da escola, e, ao depararmos-nos com o dia a dia das Instituições, fomos surpreendidos impactantemente

com a realidade escolar, notadamente com o começo da docência. Citamos alguns desses impactos que perpassaram os três Estágios: a) a ausência de ludicidade para dar conta das aulas de Educação Física (especialmente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental); b) os conhecimentos aprendidos na Universidade com certo distanciamento da aplicabilidade/relação com as escolas reais; c) certo descaso estrutural e físico de algumas das Instituições de Educação Básica; d) algumas indiferenças da Direção da escola e desânimo do corpo docente; e) perfil heterogêneo da turma dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, implicando desafio para gerir conflitos de diversas ordens; f) a elaboração de um Plano de Ensino que fosse ao encontro do contexto da turma e dos estudantes; g) eventuais disputas de poder com o docente titular da turma, dentre outros elementos.

Após esses impactos ou choques de realidade escolar, o resultado foi o Caos, e em cada experiência de Estágio com uma característica específica. Assim que, diante dessa circunstância caótica instalada, inventamos a nossa utopia, que significou elaborar, em cada Estágio de Docência, uma prática pedagógica ou estratégia de ensino, objetivando aprendizagens significativas para o estudante e para o docente no processo de ensino e a aprendizagem da Educação Física escolar.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa procurou analisar e refletir sobre os impactos ou choques da realidade escolar, associados às novas estratégias de ensino elaboradas nos Estágios de Docência. E, a partir disso, compreender como influenciaram em nossas construções como docentes de Educação Física. O problema de pesquisa que orientou essa investigação ficou configurado na seguinte questão: **Como os impactos ou choques de realidade escolar e as novas estratégias de ensino elaboradas nos três Estágios de Docência influenciaram a construção docente em Educação Física?**

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico produzido para este estudo apoiou-se em três temas: O Estágio de Docência em Educação Física, a Formação Docente e o Ensino Reflexivo na Prática Pedagógica.

De imediato, destacamos que o Estágio de Docência significa, para muitos alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física, um divisor de águas na Formação Inicial. Este fato se evidencia pela transição do estagiário/docente de uma posição menos participativa, passiva até mesmo, reprodutora dos conhecimentos adquiridos na Universidade, a educação bancária como chamou Freire (1987), onde são “depositados” os

conhecimentos, para uma posição ativa, protagonista, produtor de atividades e conhecimentos diversos exigidos na escola. Ressaltamos que, em nossa perspectiva, a parceria bem articulada da Universidade-Escola, pode ajudar nesta transição, pois pode indicar a colaboração mútua entre as Instituições produtoras e formadoras de conhecimento.

Para Tardif (2000), a formação do professor deve ser crítica, reflexiva e comprometida com uma educação de significados. Aponta, além disso, a importância dos saberes docentes. A destacar os saberes da experiência, do diálogo e do trabalho coletivo na escola.

Garcia (1992) identificou três atitudes imprescindíveis para o ensino reflexivo na prática pedagógica: a) a mente aberta, ou seja, o docente deve livrar-se de qualquer preconceito; b) a responsabilidade intelectual, que significa que o docente deve manter coerência com seus propósitos; e c) o entusiasmo, a energia na luta diária e a busca de soluções em uma realidade escolar nem sempre favorável.

Já, Gómes (1992) cunhou a expressão “pensamento prático”, que conceituou da seguinte forma: o conhecimento na ação, que aborda o saber fazer e o discernimento na condução da aula. A reflexão na ação, que significa o pensar e atuar ao mesmo tempo em que ministra a aula. E a reflexão sobre a ação, compreendendo a análise dos processos pedagógicos após a ação.

Sobre as contribuições teóricas, destacamos que Schön (1997) entende a reflexão na ação em quatro momentos: no primeiro, ocorre a perplexidade do docente com uma eventual atitude ou comportamento de aluno; a seguir, o docente pensa sobre, elabora reflexivamente sua atitude; em um terceiro momento, o docente repensa e reelabora criticamente a situação inicial que causou surpresa; para, finalmente, colocar em prática uma atividade nova para o aluno, resultado desse processo reflexivo.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para esta pesquisa foi de abordagem qualitativa, de natureza descritiva-interpretativa, a partir de uma narrativa autobiográfica.

Conceitualmente, esta estratégia de investigação, de acordo com Molina e Molina Neto (2010) coloca o pesquisador como sujeito e objeto do estudo, para produzir a narrativa e construir o conhecimento, tanto na organização escolar, quanto na docência em geral, e em particular, no exercício docente em Educação Física.

Para Oliveira (2006 p. 182): “A narrativa de si nos faz adentrar em territórios

existenciais, em representações, em significados construídos sobre a docência e sobre as aprendizagens elaboradas a partir da experiência. Ela insere o docente num processo de investigação/reflexão sobre seus registros” (p.182).

Os procedimentos metodológicos utilizados para realização da pesquisa foram: análise de documentos (Projetos Políticos Pedagógicos das escolas pesquisadas e Planos de Ensino), Diários de Campo (produzidos durante a realização dos três Estágios de Docência) e observação participante dos diversos contextos dos locais de Estágio e das aulas de Educação Física ministradas.

RESULTADOS DA PESQUISA

A seguir, apresentamos as categorias de análise construídas nessa pesquisa e que nos ajudaram na compreensão do problema de pesquisa dessa investigação.

O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

É consenso entre os estudiosos da área de Educação Infantil que o lúdico é elemento fundamental nesse contexto, pois é pelo jogo, brinquedo, brincadeira, que a criança constrói suas aprendizagens (KISHIMOTO, 2009) .

Na realização do Estágio de Docência na Educação Infantil, esse entendimento não estava tão claro e este foi nosso primeiro impacto ou choque de realidade no Estágio: a ausência do lúdico para ministrar aulas.

A partir disso, a utopia foi sendo construída, aproximando-nos do universo infantil com algumas estratégias, sendo as principais, a melhora na linguagem corporal e verbal, pois apresentávamos limitações em comunicar com a linguagem corporal e com as palavras apropriadas para um ambiente de Educação Infantil – e a busca por outros espaços físicos na escola para ministrar as aulas. Nesse sentido, dialogamos com Souza Lima (1998), que afirma que todo espaço produzido pelo homem pode interferir no processo educativo de maneira favorável. O espaço interfere no comportamento rotineiro, alimenta nossa visão, estabelece simbolismos e pode reorientar os planejamentos. Os espaços e os ambientes disponibilizados podem ser ajustados, inventados e reinventados.

Perrenoud (2002) ressalta algumas características do estagiário/docente que podem determinar esses impactos ou choques de realidade: o fato de estar entre duas identidades, a de ser aluno e, simultaneamente, de ser (ou estar se constituindo) docente; os medos e o estresse, em consequência, gerando insegurança; a inexperiência para resolver pequenas

pendências; a gestão do tempo como desafio diuturno; e a solidão nesses primeiros passos da Formação Inicial. A seguir, apresentamos algumas compilações do Diário de Campo do Estágio de Docência na Educação Infantil para elucidar nossas inquietações:

Aula movediça e com alguma intensidade (DIÁRIO DE CAMPO, 3/9/2014)

Aula ativa, suada, de movimento, com participação e com alguns acertos, pode-se potencializar mais as habilidades. E foi no salão, colorido e iluminado (DIÁRIO DE CAMPO, 24/9/2014).

Foi um trabalho firme, sem transtornos e que se buscou ganhos nas habilidades (DIÁRIO DE CAMPO, 29/9/2014).

Foi uma aula onde as habilidades motoras fundamentais foram menos otimizadas na comparação com as demais, porém útil na busca de novas estratégias e na tentativa de agradar as crianças sem descuidar-se do foco motor (DIÁRIO DE CAMPO, 27/10/2014).

A criança precisa ouvir a instrução clara, sem muita delonga, preferencialmente com demonstração e reiteradas vezes o professor deve orientá-lo para que ele não esmoreça na atividade (DIÁRIO DE CAMPO, 19/09/2014).

O menino estava instável e indisciplinado, transgrediu evadindo-se das tarefas. Os professores absortos em muitas variáveis, protestaram (DIÁRIO DE CAMPO, 15/10/2014).

Instruímos em tom de voz elevado, demonstrando como se estivéssemos em uma escolinha de futebol ou no colégio militar, orientamos sem ludicidade e a correção foi repetitiva e acho que os alunos não entenderam (DIÁRIO DE CAMPO, 27/10/2014).

Os trechos dos Diários de Campo supracitados retratam as preocupações centrais vividas naquele momento nas experiências do Estágio: a busca por resultados no desempenho físico das crianças, aproveitando ao máximo do tempo e a realização correta das tarefas, os cuidados excessivos com a disciplina e o comportamento e uma relação estagiário-docente/estudante vertical, dirigida em demasia, distanciando-se das práticas pedagógicas mais indicadas, para esta faixa etária, com jogos e brincadeiras.

Assim, no momento utópico deste Estágio onde nos aproximamos da ludicidade e buscamos novos espaços para as práticas pedagógicas, produzimos e registramos no Diário de Campo os seguintes trechos:

Em uma perspectiva de avaliar a aula dada, diria que houve evolução no quesito condução das tarefas, no interesse motivacional dos alunos e na escolha adequada dos conteúdos para as circunstâncias de local, clima e terreno para as práticas. Houve adesão infantil unânime, prazer na realização do proposto sem descuido da otimização motora e nos objetivos da aula. Lembrando que a aula foi dirigida no gramado central do Hospital de Clínica que proporcionou ao professor visão panorâmica das crianças e

facilitando a observação dos exercícios em curso e possibilitando uma avaliação mais criteriosa (DIÁRIO DE CAMPO, 5/11/2014).

Foi um dia de sol, bonito e convidativo. Saí satisfeito de volta para a escolinha conduzindo as crianças cansadas, mas ainda com ânimo, e com a sensação do dever cumprido. O que é bom (DIÁRIO DE CAMPO, 5/11/2014).

Destacamos que no exercício da docência na Creche que realizamos o Estágio, aliado a construção dessa pesquisa, as leituras dos autores (tanto os teóricos da Revisão de Literatura, quanto outras obras analisadas), e a consulta ao Diários de Campo, foram elementos que nos ajudaram a refletir e compreender a influência dos choques de realidade, e a entender que diante de determinadas dificuldades, conseguimos elaborar situações pedagógicas e estratégias de ensino que contribuem com nosso crescimento pessoal e aprendizados para o futuro como docente e, notadamente possa contribuir na construção de aprendizagens para a docência.

O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste Estágio, idealizávamos trabalhar a iniciação esportiva, abordando os esportes coletivos com bola, almejando o apuro técnico. Em termos metodológicos adotariamos o tecnicismo centrado no professor. O que efetivamente idealizávamos eram os conteúdos e os métodos, ou melhor, o que ensinar e como ensinar. O objetivo geral do Plano de Ensino do Estágio em Educação Física no Ensino Fundamental era o seguinte:

Aprimorar as habilidades motoras fundamentais, aplicando a iniciação esportiva na perspectiva situacional e proporcionar a vivência em algumas modalidades esportivas para conhecer, e outras para aprender, reconhecendo e respeitando as diferenças de desempenho de cada indivíduo com trabalho em grupo, estimulando o bom senso, participação e cooperação mais o respeito às regras além de estimular a percepção e tomada de decisão contextualizando a curiosidade, compreensão dos jogos e conhecimento esportivo (PLANO DE ENSINO DO ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL, 15/10/2015).

Ao chegar à escola nos deparamos com os principais impactos ou choques de realidade: a precariedade visual da escola, o Projeto Político Pedagógico da Instituição, revelando uma realidade sociocultural dura e no exercício efetivo da docência encontramos as limitações em lidar com alunos com dificuldades motoras, intelectuais e disciplinares.

Estes primeiros encontros, na prática como educadores na escola, são marcados pela indisciplina das crianças, que demonstram inquietação generalizada, escutando muito

pouco o docente, indiferentes às propostas para a aula ou motivadas em demasia. Em 07/04/15 em uma reflexão sobre a aula descrevemos esse momento vivido:

A estridência é geral, as crianças estão inquietas. Chegamos à quadra, à esquerda, já montada para a prática. Cones e linhas dispostos, bolas livres. Começo instruindo, percebo pouca concentração. Grupo de alunos conversa de um lado; outro tagarela do outro. Insisto. Vamos para o aquecimento: prática dinâmica, mas com adesão limitada. Seguimos. Nova tarefa em círculo, um perseguindo um ou dois. Funciona parcialmente, noto um desânimo. Aumento o tom de voz, bato palma, procuro dirigir com incentivo, repito para que atentem e participem. Todos estavam na roda, no entanto revelavam contrariedade. Avanço. Vamos para o objetivo principal, a iniciação esportiva orientada para os jogos situacionais. Descrevo pormenorizadamente o jogo. Não entendem. Reitero a explicação, fica confuso. Troco de atividade e os deixo um pouco mais livres na descoberta e aprendizado, proporcionando um tempo para eles, no ritmo próprio, descobrindo aos poucos. Novamente pouco frutífero. Há desorganização generaliza-se. Interrompo. Decido abreviar a aula, sentar e conversar. E pergunto: afinal, por que ouviram tão pouco o professor? Porque estavam indisciplinados desse modo? Por quê? (DIÁRIO DE CAMPO, 07/04/15).

Vivíamos um momento difícil do Estágio procurando impor um Plano de Ensino, com conteúdos pré-determinados e distantes da realidade das crianças, além da metodologia inflexível com protagonismo no docente, causando certo descontentamento nos infantes, desconcentração, pouco interesse nas atividades e em consequência comportamentos inadequados. A aula doze do Estágio simboliza com exatidão a metodologia centralizadora escolhida para o Plano de Ensino. Insistimos na correção do movimento, no ajuste postural, na forma mais correta que acreditávamos para a atividade proposta. Anotamos as seguintes palavras no Diário de Campo:

Preparei uma aula diferente, não necessariamente com assunto novo. De alguma forma, os alunos já conheciam em termos de execução das práticas. O que mudei foi o atendimento individualizado, onde atendi um por um dos alunos na prática corporal escolhida: passar por baixo dos obstáculos, saltar forte, saltar verticalmente, pular com um pé, dois pés alternadamente, desviar os cones e, finalmente, o arremesso no peito como no minibasquete. Muito bom. Atuei no sentido de instruir, orientar e corrigir prontamente. Isto proporcionou as crianças, penso eu, primeiro: disciplina de alguns ao ouvir e fazer o que estava sendo pedido; segundo, a correção do movimento propriamente dito assegurando aprimorá-lo (DIÁRIO DE CAMPO, 07/05/2015).

Em consequência, o produto desse processo de ensino e aprendizagem com as crianças do Ensino Fundamental foi o Caos.

A partir disso, acreditamos e aprendemos que, um professor crítico, reflexivo e questionador, pensa na prática pedagógica e sobre as práticas pedagógicas. Com base nisso, elaboramos uma reflexão sobre este momento Caos do Estágio do Ensino Fundamental apontando os desafios na experiência como educadores: dedicação, pontualidade, assiduidade, energia para o trabalho, comunicação com a comunidade escolar, Planos de Aula A e B, participação ativa no apoio de outros colegas de Estágio. Destacamos, ainda, as experiências desse Estágio que, pensamos, conduziram ao momento Caos: centralização demasiada, rigor disciplinar, linguagem avançada (com palavras difíceis), culto à rapidez, ausência de jogo motor ou jogos tradicionais, diagnósticos equivocados e propostas pouco realistas.

Diante dessa realidade, construímos a nossa utopia, ou seja, descentralizando as aulas, tornando os alunos protagonistas na organização, orientação e desenvolvimento das tarefas nas aulas.

Assim, elaboramos o seguinte método para ministrar as próximas aulas, que a propósito, são ricamente ilustradas pela literatura:

Após quase dois terços do Estágio comandando as atividades, delegando e protagonizando todas as cenas, decidi tornar o aluno ativo no processo e nas tarefas da Educação Física. Em princípio, a surpresa foi geral e a ideia agradou as crianças: a possibilidade de serem protagonistas. Categorizei esse protagonismo de “professores-mirins” e o título entusiasmou a criançada. A metodologia é muito simples. O professor titular escolhe as atividades, organiza e guia os alunos selecionados para capitanearem a aula. Cada professor-mirim tinha um grupo de alunos que era responsável e, sobretudo cuidava do comportamento. Também teve o caráter de amenizar os conflitos internos. Zelava pela distribuição dos exercícios e pela contagem da pontuação quando necessário.

O encontro focava exercícios descentralizados e cada turma de alunos concentrava-se em uma tarefa em forma de circuito. Corda, dribles com as mãos e pés, arremessa à cesta, e lançamento ao pino. Eram quatro mini comandantes e seus pequeninos alunos. Aula pacífica, harmonia imperando. Agradou, o êxito foi total, sobretudo atitudinais. Ficaram determinadas duas aulas para cada mestre infantil e após trocávamos, escolhendo outros dirigentes. (DIÁRIO DE CAMPO, 19/05/2015).

Seguimos em frente na experiência de Estágio até praticamente o final das aulas quando organizamos uma grande gincana para a despedida da turma, com estas propostas metodológicas mais interativas, com menos visibilidade do docente e mais participação,

envolvimento e autoria dos estudantes. Esta mudança possibilitou que déssemos outro significado às aulas do ponto de vista pedagógico, didático e metodológico, acrescentando ensinamentos para a nossa prática pedagógica como futuros docentes e contribuindo no ensino e na aprendizagem das crianças.

O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Neste último Estágio do Curso de Licenciatura em Educação Física, desejávamos algo não tradicional em Educação Física Escolar, pois almejávamos ampliar os conhecimentos de ensino deste Componente Curricular.

Idealizávamos unidades didáticas com aulas teórico-práticas. Abordando expositivamente o assunto em aula, e na sequência, demonstrando na quadra com participação ativa e reflexiva dos estudantes. Procurando diversificar o ensino da Educação Física na escola, lembrando que os conhecimentos da Educação Física como área de estudo são imensos, abrangendo desde os aspectos biológicos, as representações sociais e culturais, passando por informações de saúde, de lazer, de valores, dentre outros. Almejávamos um Plano de Ensino que desconstruísse, em parte, a hegemônica, viciante e repetitiva esportivização na escola.

Entre os temas teóricos, escolhemos o enfoque sobre a Educação Física no Exame Nacional sobre o Ensino Médio (ENEM), tendo em vista a importância deste exame para o mercado de trabalho e a formação na continuação dos estudos no Ensino Superior dos estudantes. A Educação Física no ENEM é analisada por Kohl (2010) como a oportunidade deste Componente Curricular alcançar a valorização da comunidade escolar e até o reconhecimento, e deixar de constar no currículo da escola como um conteúdo de menor importância, secundário, passando a ser visto pelos atores desse processo, alunos, professores, a Instituição escolar em si, como um componente que tem conteúdos e significados.

Os objetivos do Estágio visavam o ensino da Educação Física em uma dimensão conceitual (o saber sobre). Principalmente, relegando ao plano secundário o “jogo pelo jogo”, ou a prática pela prática, sem reflexão por parte do estudante.

Na metodologia, estávamos dispostos a não repetir, como nos Estágios anteriores, os métodos de ensino baseados na técnica, e desejávamos uma relação horizontal entre aluno-docente, com aulas interacionistas, estabelecendo o diálogo, escutando os alunos, colhendo sugestões, construindo, docente e estudante, meios de convivência mais

igualitárias no processo de ensinar e aprender.

A propósito do Plano de Ensino do Ensino Médio, destacamos um trecho que exemplifica, com alguma clareza, o que pretendíamos em termos de conteúdos e de objetivos, para trabalhar com os estudantes nessa etapa do aprendizado:

A Educação Física se preocupa com assuntos abordados pela cultura corporal, desenvolvendo ações que levam os alunos à reflexão sobre as atividades propostas; não se limitando somente à prática, mas fazendo com que ocorram momentos durante as aulas em que a parte teórica adquira importância. A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de práticas alternativas, dentre outras. O aluno poderá entender e vivenciar o seu aprendizado, levando-o, portanto a uma mudança e comportamento e assumir novas atitudes.

A principal finalidade da Educação Física na escola não é mais a de tornar os alunos fisicamente aptos como era antigamente, mas sim, de levar esses estudantes a experimentarem, conhecerem e apreciarem diferentes práticas corporais, compreendendo-as como produções culturais dinâmicas (PLANO DE ENSINO, 7/08/2015).

Por outro lado, a escola apresentava como conteúdo hegemônico para a Educação Física, a cultura esportiva. E os alunos da turma eram ativos, inquietos e, em sua maioria, adeptos dos jogos com bola e acostumados com o contexto escolar e se apresentavam resistentes a este Plano de Ensino novo, proposto no Estágio Docente. Neste momento do Estágio, nos questionávamos sobre as aprendizagens dos alunos diante de um Plano de Ensino oposto à realidade da escola.

E, a partir disso, decidimos dar outro sentido às aulas que havíamos planejado: aderindo a cultura escolar esportivizante. Esta adesão a cultura escolar esportivizante foi a nossa Utopia no Estágio da Educação Física no Ensino Médio. Que, ao contrário dos outros dois Estágios, não representou uma “invenção” nas novas estratégias de ensino; e sim, uma filiação, ou incorporação aos conteúdos e objetivos dominantes da Educação Física da escola em questão. Não foi fácil a adesão a cultura escolar, tendo em vista a importância que significou aquele Plano de Ensino idealizado, porém as interpretações que fazíamos naquele momento indicavam: (1) que os estudantes não estavam felizes, e, além disso, por extensão, o estagiário/docente também não estava feliz, e isto se justificava pela falta de leveza, de se sentir mais à vontade em aula, de mais descontração nas práticas, e (2) tínhamos dúvidas se os alunos estavam aprendendo suficientemente, em função da pouca participação dos jovens, dos raros questionamentos e da ausência de curiosidade.

Baseamos-nos, por assim dizer, no pensamento freireano ampliado de Utopia quanto a seus sentidos. A utopia como sinônimo de esperança (FREIRE, 1992). Acreditávamos, naquele momento, estar plantando uma semente para o vindouro com aquele Plano de Ensino inovador, mas que no presente configurava-se em uma impossibilidade histórica e social, produto das circunstâncias contextualizadas da escola, porém, perfeitamente passível de incorporação como estratégia de ensino em um futuro possível.

A seguir, apresentamos a última categoria de análise da pesquisa.

O IDEAL, REAL, CAOS E UTOPIA REFLETIDOS À LUZ DAS QUATRO ESTAÇÕES DO ANO

Nesta categoria de análise construímos uma metáfora entre as quatro estações do ano: Outono, Inverno, Primavera e Verão, com o Ideal, Real, Caos e Utopia, pois entendemos que assim como o tempo tem marcadamente uma natureza instável, pode chover, fazer sol, calor, frio, ventar, propomos a reflexão, onde nosso estado anímico, da sensibilidade e percepção emocional, comparativamente, viveu altos e baixos nas experiências dos Estágios. Riu, comemorou, sofreu, lamentou, resignou, viveu.

Chamamos de o tempo de idealização que vai corresponder ao nosso outono, pois nesta estação os dias novamente voltam a ter a mesma duração da noite, equilibrando, modelando a temperatura. Os dias ficam mais amenos, aprazíveis, representando o sentimento que nutríamos neste início de jornada do Estágio, antes de começar o embate docente, sonhador, criativo, idealizador. Pensávamos nas crianças, nos Planos de Ensino e no que ensinar e como ensinar.

No tempo realístico, inverno, os dias são menores que a noite, a temperatura diminui e, por vezes, pode assustar. O frio se instala, a geada cai sobre os campos, a neve sobre as árvores, os pássaros migram. É o inverno. E é o frio. Metaforicamente, significou o momento do exercício efetivo da docência, de apresentar na prática o aprendido no Curso de Formação, colocando verdadeiramente a “mão na massa”. Foi o período do começo real das práticas pedagógicas, frente a frente com as crianças na mediação das aulas de Educação Física. O entrar “em campo”, o “fazer”, praticar. Tempos realísticos estes. A impressão que tínhamos era de que as crianças pouco entendiam o que estavam fazendo e o que estávamos propondo. E nas atitudes tivemos tempestades, chuvas e trovoadas. Mas como nada é para sempre, avançamos para a próxima estação.

O tempo de invenção, a primavera, corresponde à estação do ano das flores, dos

insetos e dos ventos. Ventos que trazem as boas novas. Em nosso entendimento, havia esgotado a metodologia vertical, vindo de cima para baixo. E inauguramos um novo momento: pensando no aluno. Os estudantes seriam pequenos professores, ministrariam as atividades, teriam seus próprios alunos/colegas, administrariam as práticas e cuidariam do comportamento. O estudante como protagonista nas aulas Educação Física. Tratava-se de novidades nas estratégias de ensino, em mudanças na linguagem e nos métodos. Tempo de invenção foi a estação primaveril, a utopia. Procuramos usar a imaginação, alguma criatividade e certa ousadia.

E fechando o calendário das aprendizagens, o tempo de reinvenção: o verão. Para tanto, criamos uma gincana que representou o auge das brincadeiras, onde exercitamos o espírito de equipe e a confraternização. Escolhemos esta atividade derradeira com o objetivo de agregar, unir as turmas, solidarizar, permitir que os estudantes pudessem se conhecer melhor, interagir, compartilhar, trocar informações, para celebrarmos e praticarmos o espírito de equipe e encerrarmos o ciclo das estações e o início do nascimento de uma docência mais reflexiva!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos que, de algum modo, a grande maioria do estudante de Licenciatura vive estas experiências nos Estágios, das expectativas iniciais no Curso de Formação, do encontro com a realidade escolar, o desenvolvimento das aulas e os desafios da docência, culminando com as possibilidades de criação de novas maneiras de ensinar.

Ao escrever este artigo e inevitavelmente ler e pesquisar a respeito, somos necessariamente condicionados a alguns entendimentos. Na medida em que criamos grandes expectativas, e até conjecturamos de forma sonhadora; na realidade, por outro lado, o enfrentamento das práticas pedagógicas podem ser impactantes e difíceis, como se revelaram nas experiências de Estágio. Ao mesmo tempo, diante de um universo de realidade dura, com problemas e dificuldades para ministrar as aulas, nos sentimos desafiados e motivados por uma força de querer fazer algo para melhorar o ensino e a aprendizagem, e recorreremos a criatividade ou a esperança para encontrar novas propostas de ensino que representam em termos pedagógicos importância significativa para as crianças estudantes e para o próprio estágio/docente.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, C. M. A. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os Professores e sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

GÓMEZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os Professores e a sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

KISHIMOTO, T. M. **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Cengage learning, 2009.

KOHL, H. G. Educação Física na educação básica e o novo ENEM: novos desafios e novas possibilidades. In: IV ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE SENAC, 4., 2010, Recife. **Anais**. Recife: Senac, 2010. p. 1-5.

MOLINA, R. M. K.; MOLINA NETO, V. Pesquisar com narrativas docentes, In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3.ed. Ed, Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 165-176.

OLIVEIRA, V. F. Narrativas e saberes docentes. In: OLIVEIRA, V. F. (Org.). **Narrativas e Saberes Docentes**. Ijuí: Unijuí, 2006.

PERRENOUD, P. A prática reflexiva: chave da profissionalização do ofício. In: _____. **A Prática Reflexiva do Ofício de Professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.11-25.

PLANO DE ENSINO DO ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL. Porto Alegre, 2015.

PLANO DE ENSINO DO ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO. Porto Alegre, 2015.

SCHÖN. D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA. A. (Coord.). **Os Professores e sua Formação**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SOUZA LIMA, M. W. **Espaços Educativos: uso e construções**. Brasília: MEC, 1998.

TARDIF, M. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes do magistério. **Didática, Currículo e Saberes Escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 112-128.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br